

EDITORIAL

Chaverim.

Em nossa última reunião de shichvá, na Veidá, decidimos que o iton continuaria. Decidimos também que ele serviria como elo de ligação (mais um) na shichvá, e como forma de debate. Palavras bonitas, muito promissoras, mas que até agora não tiveram efeito.

Nós, como vaadat itonut da shichvá, esperamos colaborações a té agora. Não há sentido em se publicar um iton nacional com artigos de um só estado, e a palavra NACIONAL já diz porque. As colaborações não vieram, ou melhor, fora os relatórios, só veio uma. Resolvemos então construir o iton nós mesmos. E o construímos, o melhor que pudemos.

Aqui está o iton, com um nível bastante bom e es perando agradar a todos. Sentimos muito não podermos, como gostaríamos, agradecer a colaboração, pois estaríamos sendo falsos. Mas fica aqui o / nosso apelo: Juntemos nossas forças, mais ainda, par que possamos construir algo de sólido e forte para nós e para a tnuá. E juntar as forças significa colaborar, dar a mão umo outro para seguir em frente, com confiança.

ALEH VE AGSHEM !!

Vaadat Itonut de maapilim

APRENDIZ DE FEITICEIRO

José Lutzenberger

O dogma da necessidade do crescimento constante tem levado a extrapolações estatísticas absurdas, como a da continuação indefinida da duplicação, cada dez ou sete anos, do consumo de energia. Em base a este tipo de extrapolação surgem planejamentos mais absurdos, como o de, em 15 anos, semear quase cinquenta usinas atômicas num país de 250.000km² como a Alemanha.

Os que têm interesse nesta proliferação apresentam a energia nuclear como a mais abundante e limpa, mas omitem seus enormes custos ambientais e nos desinformam a respeito. Se é verdade que das centrais atômicas não sai a fumaça preta das usinas a carvão, estas centrais criam os piores poluentes. Uma poluição para cuja percepção nem órgãos de sentido temos. A natureza nos deu os cinco sentidos, que nos comunicam com o mundo, mas não forneceu instrumento que nos dê conta de radiação no ambiente. Isso não estava previsto.

A proliferação atômica, nas suas fases guerreira e dita pacífica, completando-se perfeitamente, é o maior perigo já enfrentado pelo Homem e a Natureza. Agindo na hereditariedade dos organismos, a radiação afeta o código genético. Se isso se dá em células somáticas (dos tecidos) pode haver câncer ou leucemia, nas células germinais (reprodutivas) causa mutações. Destas, as mutações subletais (as que não matam) são quase sempre recessivas e se incorporam ao capital genético da espécie. Os estragos hereditários podem aparecer até milhares de anos depois. Assim prejudicamos também as gerações futuras.

A exploração nuclear, desde a mineração até o lixo atômico polui o ambiente com elementos radiativos, alguns com meia vida de milênios, como o plutônio. Sua meia vida é de 24.400 anos. Isso significa que um kg leva 24.400 anos para reduzir-se a 1/2 kg, mais 24.400 para ter 1/4, e assim por diante. Para que um produto radiativo se reduza a 1/1000.000 da quantidade inicial é preciso umas 20 meia-vidas. Com o plutônio isso é pouco mais que 500.000 anos.

O plutônio, elemento artificial, é a substância mais tóxica (radiotóxica) que nossa despreocupada espécie já teve em mãos. Poucos quilos, bem distribuídos no ar podem acabar com a Vida da Terra. Existem já mais de 100 toneladas de plutônio. Mesmo os poluentes radiativos de meia vida relativamente curta, como o estrôncio 90, que se concentra nas cadeias alimentares e instala-se em nossos ossos, tornando-nos radiativos por dentro, têm uma duração intolerável: com meia vida de uns 27 anos, ele precisa de mais de 500 anos

Dizem os tecnocratas que as concentrações largadas no ambiente são baixas. Como com os aditivos químicos e resíduos de pesticidas nos alimentos, das emissões industriais, o argumento apoiado em definições de doses mínimas permissíveis é falho, quando não tendencioso. O câncer começa a nível molecular. Um só fóton, caindo no lugar certo, uma só molécula de substância ionizante ou um vírus podem causar o câncer, a mutação, criando o gen doente que circulará por milhares de anos.

Imaginamos, às vezes, que se encontrarão ainda técnicas para resolver o problema da radiatividade. Mas a ciência, além de abrir horizontes, diz de impossibilidades fundamentais. Mexendo com o átomo, mexemos com mecanismos básicos da estrutura do Universo. Podemos produzir plutônio e consumi-lo no reator mas NUNCA conseguiremos recuperá-lo se disperso é JAMAIS tiraremos a radiação dos elementos radiativos ou poderemos alterar-lhes a meia vida. Estamos na posição da figura que destapou a garrafa que continha o espírito...

Devemos errar para aprender, mas devemos evitar o erro irreversível.

Uma central de 1000 MW, prevista, produz num ano material radiativo com poder de pelo menos mil bombas A. Uma parte deste vai para a atmosfera e os corpos d'água saindo das chaminés (por isso as usinas atômicas têm chaminés tão altas), na água de refrigeração, assim como dos vazamentos inevitáveis. cont.

A maior e pior parte do material radiativo é a sobra da reciclagem do combustível usado. É o lixo atômico propriamente dito. A reciclagem se faz em usinas especiais, mais vulneráveis ainda a panes, acidentes ou sabotagem que as centrais. Estas atendem várias centrais, acumulando mais material danoso. Este lixo é tão pernicioso que só pode ser manipulado por controle remoto e a custos extremos. Armazenado líquido ou sólido, é mantido em depósitos especiais para ser depois colocado em minas de sal, injetado em estratos geológicos profundos e mesmo em abrigos de superfície. Alguns querem levá-lo à Antártida. Por certo tempo foi jogado no fundo dos oceanos e isso foi proibido por acordo internacional, mas não há controle suficiente. Outros pretendem levá-lo ao espaço, pondo-o em órbita de mergulho solar. Mostram sua fé cega na infabilidade tecnológica e incapacidade de ver as ordens de magnitude logo alcançadas. Onde estão os foguetes à prova de pane? Nem a NASA consegue evitar a incidência de astronautas na plataforma de partida. A escalada prevista exigiria, no ano 2000, vários foguetes diários. O problema do lixo atômico é, hoje, insolúvel.

As centrais, quando obsoletas, serão ruínas radiativas, só desmontáveis com enormes aparelhos de controle remoto, e a custos absolutamente proibitivos. As até hoje abandonadas não foram desmontadas. Onde colocar os entulhos? Se não forem desmontadas se garantirão sérios perigos para incautos e arqueólogos até no mais remoto futuro.

Já normalmente as centrais e complementos são tremendos riscos. Conforme a densidade demográfica e as condições meteorológicas, uma pane ou sabotagem poderão matar imediata e retardadamente até milhões de pessoas em imensas áreas e por enormes períodos de tempo. Mesmo assim e apesar dos crescentes protestos, insiste-se em construir centrais junto a centros urbanos.

Os interessados dizem que têm controle da situação, que não haverá defeitos e erros humanos e saberão evitar sabotagem. Trazem estudos como o Relatório Rassmussen que dão probabilidades infinitesimais para acidentes fatais. Mas isso não conta com erros e desleixos humanos. As numerosas panes acontecidas, basta citar o reator de Browns Ferry, nos Estados Unidos e o de Gundremmingen na Alemanha Federal, demonstram isto. Os erros humanos são inevitáveis. Naturalmente se procura abafar estes fatos. Eles se tornam públicos através de pessoas preocupadas. É interessante ver que nem os grandes consórcios de companhias de seguros aceitam cobrir completamente danos de acidentes nucleares. Nos EUA cobrem até apenas 60 milhões de dólares e o Governo cobre dali até 560 milhões. Mas de morrerem milhões de pessoas e vastas áreas ficarem inabitáveis, que são 560 milhões? E se não sobrar ninguém para cobrar indenização?

O povo, que paga isto, é chamado a ser cobaia deste enorme experimento e não participa das decisões pertinentes. Assim mesmo, paga duas vezes, no bolso e no próprio corpo. O negócio nuclear é subvencionado em todas suas fases, desde a pesquisa até a construção e operação, e sem essa subvenção não poderia concorrer com as demais formas de energia.

Num país cheio de centrais, qualquer guerra convencional se transforma em atômica. Uma usina atingida por bombardeio normal libera incríveis concentrações de radiatividade que poderão espalhar-se por centenas de milhares de km. Isso seria muito pior que as explosões de Hiroshima e Nagasaki. No caso da bomba, a maior parte do material radiativo é consumida na explosão, a radiatividade é residual. As Forças Armadas deveriam pensar nisso. A segurança será inversamente proporcional ao número e densidade de centrais. Pouco ou nada poderão fazer. Qualquer terrorista disposto a tudo terá mais força que um exército.

A tecnologia nuclear pressupõe um mundo utópico—sem guerras, revoluções, desordens, roubo, sem terremotos, maremotos, cheias ou acidentes de transportes, sem desleixo e erros humanos. Esse mundo nunca existiu nem existirá. É crimino-

osa irresponsabilidade contar com ele. Mas se noticiou que um técnico alemão propusera diminuir a segurança para baixar o custo de nossas centrais.

O urânio é tão ou mais raro que o petróleo. Normalmente as reservas mal durariam 20 anos. Assim prevê-se a "economia do plutônio", baseada em novos reatores, os regeneradores rápidos. Aqui a radiação do plutônio transforma o urânio 238, não físsil, em mais plutônio. Poucos quilos de plutônio servem para fabricar bombas atômicas primitivas e "sujas" por mãos irresponsáveis.

Enquanto se apressam as construções de centrais, aumentam as vozes que dizem que longe de responder à crise energética, a energia nuclear vai agravá-la. Na fase de mineração, refinação, enriquecimento, fabricação dos componentes e construção de centrais, na reciclagem de combustível usado, na fabricação de água pesada e demais insumos, como na manipulação do lixo atômico, a tecnologia nuclear consome muita energia fóssil. A relação insumo energético/produção de energia é tão baixa que os programas nucleares dão balanço energético negativo por muitos anos. Esse só será positivo anos após cessar a expansão na construção de novas centrais. Mas se quer construir sempre mais centrais. Isso só acelerará o fim dos combustíveis fósseis.

Do outro lado, a enorme capitalização exigida, quase toda de dinheiro público se oporá ao desenvolvimento das alternativas: energia solar, eólica, orgânica e outras. Interferirá, inclusive, nos esforços por uma agricultura sustentável, já, capaz de ajudar a resolver o problema da fome.

Já se disse que a energia atômica seria tão barata que dispensaria os relógios de consumo elétrico. Um sonho que já acabou. Mas todos custos têm sido subestimados. Onde se contabilizam os de proteção e isolamento da biosfera, por milênios, do lixo nuclear? Daqui a centenas de milhares de anos ainda deverão haver preocupações com nossos detritos. Com que direito legamos-lhes isso?

A exploração nuclear é nota promissória contra nossos filhos e descendentes remotos. Para satisfazer por mais algum tempo nossos desmandos, condenamos seres e civilizações longínquas, se é que com nossas loucuras permitiremos que haja gerações futuras. Este tipo de tecnologia é profundamente imoral. As decisões não podem ficar nas mãos dos tecnocratas e burocratas interessados.

-adaptado do Manifesto Ecológico Brasileiro, pg 10, de J. Lutzenberger, editoras Lançamento (tablóide) e Movimento (livro)

Colaboração do chaver

Paulinho - SNE - P.O.A.

1976-

C A M P D A V I D E O V E L H O " A M E R I C A N I S M O "

Sim, o acordo de Camp David foi, com efeito, um passo em direção à paz. Mas a pergunta é: em direção a que paz? Beguin logrou uma grande vitória, mas o que deve-se manter claro é que a política de Beguin se caracteriza pelo seu imenso apoio ao capitalismo, e, em especial, ao capitalismo americano.

O acordo de Camp David não teve como objetivo somente a paz. Primeiro, um dos grandes objetivos era levantar a popularidade, já terrivelmente decrescida, dos três líderes. Segundo, abrir mais ainda as portas de Israel aos americanos. Abrir mais, disse, porque elas já estão muito abertas. Note-se que Beguin liberou o dólar (causando uma enorme inflação) e ainda por cima intenta vender as empresas estatais às multinacionais americanas. O acordo de Camp David, entre outras coisas, facilitará ainda mais a entrada dos americanos.

E qual a nossa posição diante disso? Qual a nossa posição, como sionistas cholutzianos?? Sim, devemos dar algum apoio ao acordo, na medida em que ele é a melhor coisa que apareceu em termos de paz no Oriente Médio até agora. Mas devemos ter cuidado, e não esquecer quem é Beguin, e qual é a ideologia do Likud. Quem deve se beneficiar com a paz não deve ser uma minoria, filiada aos interesses capitalistas, mas sim o trabalhador israeli, o povo. Esse não é, claramente, o objetivo de Beguin. Por isso, apoiemos a paz, mas não a "paz" americana e capitalista, pois ela põe em risco o socialismo que ainda existe em Israel, e que é pouco.

colaboração do chaver NECO
kvutzá PALMACH- P. ALFRE .

Q U E S T Ã O C E N T A U R O

Na antiga civilização Inca, existia uma lenda que dizia que um dia chegaria do leste um "DEUS": semi-homem, semi-cavalo. Este deveria ser bem tratado, por ser um Deus, mas logo deveria ir embora, pois só traria desgraças.

Pois bem, estaríamos nós, agora, vivenciando uma nova invasão espanhola, na qual chega, para governar-nos um "homem-cavalo"? Ou seria realmente o apocalipse: "a destruição chegará a cavalo"... ?

Não, creio eu que, como já dizia Shakespeare: "A vida é um palco iluminado," e que nós estaríamos assistindo, o maior e mais bem montado espetáculo sucessório.

O que às vezes me intriga é como ou porque, um presidente "democrata", que fecha um congresso sem mais nem menos, não pode, "democraticamente", cakar os pios de uma certa pessoa. Qual seria a razão de ele deixar criar esta Frente? Não seria por acaso ou por falta de poder.

E não sei se sabem, mas tanto o guarda-chuva, como o Bentes são militares que participaram da Revolução que colocou o atual regime no poder, além de que o sr. Bentes tem suas estrelas de general. Então, como podem eles de repente mudar de idéias, pois não chega lá em cima quem não concordar com o sistema, e além do mais, como podem eles continuar por aí numa situação "Revolucionária" que bastaria a eleição de Bentes para mudar o atual quadro político brasileiro? Isto não seria nada vantajoso para quem lá em cima está, então, que onda de democracia é esta que surge?

Não sei se vocês se lembram, mas há algum tempo houve um probleminha no Chile com relação aos direitos humanos. Logo após,

houve a visita de uma certa personalidade de nosso querido e amado país.

Esta reunião entre o sr. Sorriso e o nosso atual "chefinho", versou sobre vários assuntos, entre eles, direitos humanos e coisas do gênero.

Creio que tudo já foi entendido : no palco estão como protagonistas um centauro e dois pássaros (Pinto e Bentes-Vi), e como coadjuvante um certo gaúcho. Na platéia o querido Povão e de camarote um certo amendoim...

Após tudo combinado nos bastidores, surge de um lado o Centauro e o gaúcho e do outro os pássaros. O final é por todos ainda ignorado. Muitos crêem que será como das outras vezes, outros já acham que como começou diferentemente acabará de maneira diferente. Mas sei que uma pequena minoria também pensa assim, mas se lembra de que está no teatro, e enquanto todos saem sorridentes ao final da peça, estes não se esquecerão de olhar para trás, pois talvez ainda poderão ver os quatro personagens já de saída, mas se congratulando mutuamente pela bela atuação.

colaboração do chaver XEXÉ

s_nif RIO

BEGUIN E SEU PASSADO

Há trinta anos atrás, no meio da guerra de 1948, aconteceu, em Israel, um fato interessante, que deve ser lembrado. Israel acabara de firmar a primeira trégua na guerra, trégua esta que determinava a proibição de entrada de armas tanto para Israel quanto para os países árabes.

A essas alturas dos acontecimentos, muitos dos grupos militares clandestinos judaicos da época do mandato inglês se haviam dissolvido formando o Exército regular israelense. Porém, o grupo militar de direita mais importante, o Irgun, comandado por Menachem Beguin, não se havia dissolvido, e continuava ativo. Classificando a trégua como "submissão à vergonha", o Irgun fez partir, em junho de 1948, de Port du-Bouc, um cargueiro chamado "Altalena", com destino à Tel-Aviv, carregado de algumas centenas de voluntários, muitas armas e munição. O Irgun foi solicitado por Ben-Gurion, então primeiro-ministro de Israel, a colocar o navio à disposição do Governo, mas não quis. As armas se destinavam ao Irgun, e não ao Exército de Israel. Na época, advertiu Ben-Gurion—"Consideraremos traidor qualquer um que tente quebrar a disciplina do Estado, e ele receberá o tratamento que é dado em épocas de emergência a um inimigo em suas fileiras."

A despeito disto, a 21 de junho, em Kfar Vitkin (ao norte de Tel-Aviv), foram desembarcados 600 homens e 150 mulheres, e parte do material. A embarcação já havia sido havistada por um avião da ONU, e rumou para Tel-Aviv. O Governo, então, anulando seu pedido de que o navio fosse cedido ao Exército, pediu apenas que o Irgun não descarregasse o navio. Mesmo assim, o Irgun prosseguiu. Ben-Gurion deu, então, instruções para proibir de qualquer maneira o descarregamento do navio.

No cais, aguardando o navio, estavam elementos do Irgun (dos quais vários desertaram do Exército-regular), mas a uns 600 metros da praia, o "Altalena" encalhou. Membros do Exército entraram em choque com elementos do Irgun que tentavam, sem êxito, levar o material para terra. Ben-Gurion ordenou finalmente o uso de artilharia. O navio foi atingido por um tiro de canhão e se incendiou, afundando. Os que puderam saltar ao mar o fizeram, mas Beguin e o capitão do navio tiveram de ser retirados à força. Saldo: 112 mortos.

Em um discurso posterior, afirmou Ben-Gurion que se tentara de todas as maneiras evitar o uso de força, mas como o Irgun não cedeu, foi necessário. Afirmou ainda: "...se a loucura de ontem não tivesse sido evitada, não sei se poderíamos desfazer as conseqüências. 5000 fuzis e 250 metralhadoras teriam caído em mãos de terroristas, e poderiam ter destruído o Estado e a liberdade do Ishuv."

Sim, houve o perigo de uma guerra civil. E isto num momento em que um conflito interno seria fatal para Israel, pois seria a oportunidade de ouro para que os árabes atacassem e desferissem um golpe mortal. Graças ao bom senso do Governo de Israel na época, isto foi evitado.

Isto se passou à trinta anos, e há muito Israel já perdoou atos deste tipo. Mas é um bom termômetro para que vejamos em que pé está o governo israelense, e quem são as pessoas que hoje o chefiam. O mesmo Begin, ex-líder do Irgun, com sua ideologia de "grande Israel". Hoje em dia suas idéias parecem ter tomado outro caminho, mas não nos esqueçamos que isto só aconteceu por força das circunstâncias. E este é um ponto muito importante a se refletir...

Colaboração do chaver

Neco, kvutzá Palmach, snif POA

A CERCA DE PRINCÍPIOS, PRECONCEITOS
E SOLUÇÕES ...

" Raça e opressão racial são conceitos totalmente diferentes : as origens da raça estão na natureza, as da opressão racial são de caráter social. De uma forma ou de outra, os ideólogos do racismo tendem a negar esta diferença e elevar a desigualdade social à categoria de lei natural. Mas a antropologia, as ciências históricas e a sociologia refutam tais teorias como anti-científicas. "

Quando propusemo-nos a escrever sobre um tema de neo-nazismo, pensávamos em fazer um trabalho de coleta de reportagens. Depois de pensarmos mais a fundo, porém, concluímos que seria desperdício, pois supomos que a maioria dos chaverim já devem estar informados de algumas ocorrências que denunciam a existência de grupos de extrema-direita a nossa volta.

Propomo-nos então, a buscar as causas da existência deste fenômeno. Não o para justificá-lo como algo natural, é claro, mas para saber o porquê de sua existência.

Como diz a citação do "Correio da Unesco" de 1973, a opressão racial tem origem social. Busquemos então saber que origem social é essa que faz com que reviva um movimento que matou e perseguiu injustamente mais gente que a própria Inquisição.

Olhemos a nossa volta. O que vemos ? Um mundo em crise. Um mundo superdominado e desnorteado sob a força de multinacionais. Um mundo caótico, onde os termos exploração humana e potências nucleares misturam-se como se fossem ingredientes harmoniosos de um saboroso bolo.

Buscando então as origens de tal fenômeno, devemos retornar à Alemanha de 1939, ocasião em que o mundo presenciou a maior e mais rápida eclosão de anti-semitismo e facismo em geral.

Os judeus, que desde a Idade Média ocuparam-se com o comércio, também na Alemanha tinham um papel importante. Eram os intelectuais, e também tinham em suas mãos parte do capital alemão, is

-to porque foram obrigados a exercerem o comércio, pois não podiam possuir terras. E exerceram-no tão bem que tornaram-se étimos capitalistas.

Quando Hitler assumiu o III Reich, o povo alemão enfrentava uma séria crise econômica, agravada pela guerra de 1914. Foi muito fácil para esse demoníaco e carismático líder chamar a atenção para a minoria detentora de capital, ainda mais porque constituia-se em sua maior parte de judeus (a minoria racial alemã- e mundial), situação essa que desenrolou-se da forma que já conhecemos até seu trágico fim em 1945.

Desta forma, podemos transpor essa situação para os nossos dias. Que posição social possuem os judeus do Bloco Ocidental? Em sua maioria, detentores de capital! Porquê? Porque prosseguiram sendo capitalistas, sempre cultivando o comércio, aperfeiçoando cada vez mais a arte de praticar este tipo de economia. Pensemos agora, se não é fácil para grupos, seja de extrema-esquerda ou de extrema-direita, torcer a culpa da situação caótica do mundo, grandemente causada pelas forças das multi-nacionais (nas quais, por sinal, muitos grandes acionistas são judeus), para esses judeus?

Refletindo mais: será que estes judeus, tendo aprendido a lição da II Guerra, tivessem partido para um socialismo, para uma maneira de pensar mais simples, a situação atual seria diferente?

Vimos, pois que este anti-semitismo teve causa claramente sociais, e não tão psicológicas. Isto vem outra vez justificar o nosso sionismo, o sionismo da tnuá, que deve ser levado à todos os judeus, para que acabe esta conotação capitalista do Yshuv, que nós combatemos. Por isso, encerramos aqui, renovando nosso pensamento de que, numa pequena comunidade, mais simples, voltada mais para o homem e menos para o dinheiro, tudo isto não aconteceria.

PELA ALIÁ CHALUTZIANA,

ALEH VE AGSHEM

Colaboração de NECO & ANA FLÁVIA

Karin
Kirtner

Karin
Kirtner

Karin
Kirtner

Kirtner

Karin
Kirtner

Karin
Kirtner

Kirtner

Kirtner

Karin Kirtner